O Amor Ficou

memórias em crônicas

Lesly Aline

Créditos editoriais

Texto e autoria

Lesly Aline

Capa e projeto de capa

Lesly Aline

Edição e revisão

Lesly Aline

Primeira edição

2026

ISBN

9789403951874

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou distribuída sem autorização da autora, exceto nos casos permitidos por lei.

Aos que ficaram

Este livro é dedicado a todas as mãos que, em algum momento, me seguraram sem sequer saber que estavam fazendo isso.

À mão que passou o café antes de o dia começar. À que colocou um caderno sobre uma carteira sem transformar a falta em vergonha. À professora que olhou além das minhas notas e me ensinou que um resultado nunca seria grande o bastante para dizer quem eu era. Aos amigos que dividiram o lanche, o tempo, a casa, o silêncio e a vida comigo. Ao amigo que me emprestou uma bicicleta roxa quando eu precisava pedalar para longe dos meus próprios pensamentos. A quem, quando eu tinha dezoito anos, me deu um lugar onde finalmente pude ser ouvida.

Ao meu pai, que me escolheu antes mesmo de eu chegar ao mundo. Que me ensinou, antes que eu soubesse explicar o amor, que família também pode começar numa escolha. E que continuou escolhendo ser meu pai em cada volta para casa, em cada cuidado e em cada mão estendida.

Aos meus irmãos, pedaços diferentes da mesma história, por tudo o que fomos e ainda somos uns para os outros, mesmo quando a vida nos colocou em lugares diferentes.

E à minha irmã.

Ana chegou dez dias depois do meu primeiro aniversário — meu presente, só um pouquinho atrasado.

Não tenho lembranças de um mundo antes dela. Quando minhas primeiras memórias começaram a existir, ela já estava lá.

Crescemos lado a lado, quase como gêmeas. Estivemos perto e longe, brigamos, discordamos, mudamos, crescemos. E, ainda

assim, continuamos nos escolhendo, nos ouvindo e nos segurando uma à outra.

Ana já estava lá quando a minha história começou a virar memória.

E continua aqui.

Minha irmã é o amor da minha vida.

Às minhas tias, que foram presença, abrigo e carinho em diferentes momentos da minha vida. Às que abriram as portas, dividiram a mesa, ofereceram cuidado e fizeram do amor uma coisa simples, dessas que aparecem no café, numa conversa ou num bolo feito com carinho. Talvez nunca tenham percebido, mas algumas das minhas lembranças mais bonitas também têm as mãos delas.

E à amiga que a vida me apresentou há tão pouco tempo, mas que chegou numa hora em que eu já havia desistido de publicar este livro.

Ela não acompanhou todas as páginas da minha história. Não esteve em todos os capítulos, nem conheceu todas as versões de mim. Mas encontrou a escritora justamente quando ela estava prestes a guardar o manuscrito na gaveta.

E me incentivou a tentar mais uma vez.

Às vezes, não é preciso conhecer alguém há uma vida inteira para fazer diferença na vida dessa pessoa.

Algumas pessoas chegam no último capítulo e nos dão coragem para escrever o próximo.

Aos meus amigos — aos que chegaram cedo, aos que chegaram depois, aos que permaneceram por anos e aos que talvez tenham

ficado apenas o tempo necessário para me ajudar a atravessar determinado pedaço do caminho.

Talvez muitos deles nunca tenham sabido o tamanho do que fizeram.

Mas eu sei.

Porque houve momentos em que chegar aos trinta anos não parecia uma certeza.

E, ainda assim, cheguei.

Cheguei a tempo de amar. De errar e acertar. De ser julgada e admirada. De me formar. De atravessar um oceano. De conhecer outros lugares e outras versões de mim. De descobrir que havia vida depois de apenas sobreviver.

Este livro também é dedicado à amiga que, vendo que eu já não sabia atravessar sozinha algumas tempestades, me apresentou à própria mãe porque queria salvar a amiga.

Ela não poderia imaginar o tamanho daquela apresentação.

À minha terapeuta.

À mulher que me encontrou adulta, mas soube enxergar a menina que ainda precisava de ajuda. Que atravessou comigo alguns dos lugares mais escuros da minha vida. Que me ouviu quando minhas palavras chegavam confusas, cansadas ou assustadas. Que não desistiu de mim nos dias em que continuar parecia grande demais.

Há mãos que aparecem por alguns minutos e mudam um dia.

Há mãos que permanecem tempo suficiente para mudar uma vida.

A dela foi uma dessas.

E, finalmente, a mim.

À menina que ficou quando tantas vezes quis fugir. À adolescente que fez o que conseguiu com aquilo que tinha. À mulher que caiu, errou, acertou, recomeçou e continuou escolhendo mais um dia.

Eu também fui uma das mãos que me seguraram.

Talvez a única que esteve presente em todos os capítulos.

Hoje, aos trinta anos, não quero apenas dizer que sobrevivi.

Estou viva. Estou escrevendo. Estou aprendendo a viver o máximo que consigo com aquilo que tenho, enquanto continuo lutando para que minhas condições também melhorem.

Se cheguei até esta página, não cheguei sozinha.

Graças ao meu pai. Graças aos meus irmãos. Graças aos meus amigos. Graças à minha terapeuta. Graças a todas as mãos que ficaram. E graças a mim, que também fiquei.

Este livro existe porque o amor ficou.

E eu também.

Sumário

Parte I · Antes que ela soubesse o nome do amor 1

Parte II · Quando o mundo mudou de voz 44

Parte III · As palavras encontraram caminho 87

Parte IV · Casas que abriram a porta 107

Parte V · As pessoas que a trouxeram até aqui 144

Parte VI · A vida além de sobreviver 175

Parte VII · O amor ficou 201

PARTE I

Antes que ela soubesse o nome do amor

8 de novembro

Ela não se lembrava da noite em que nasceu.

Seria uma habilidade impressionante, mas não viera entre os seus talentos. Já tinha dificuldade para lembrar onde colocara certas coisas cinco minutos antes; exigir uma recordação do próprio parto seria abusar da boa vontade da memória.

O que sabia lhe fora contado.

Era 8 de novembro.

A chuva tinha passado, e a terra ainda guardava seu cheiro. Havia uma mulher cansada e uma criança chegando ao mundo chorando, aparentemente com alguma reclamação a fazer sobre as condições de recepção.

Não sabia falar.

Começou pelo volume.

Chegou na contramão. Contra um desejo quase escondido, quase nunca dito em voz alta, mas chegou anunciando ao mundo a própria esperança.

Só muito depois aprenderia a pensar naquela chegada.

Durante anos, a ideia de ter insistido em nascer lhe pareceu uma obrigação de insistir em tudo. Como se aquela menina, por ter vindo apesar do medo que a cercava, houvesse assinado um compromisso vitalício com a resistência.

Descansar parecia desobedecer ao próprio começo.

Era uma cobrança pesada para alguém cuja primeira grande realização tinha sido respirar.

Naquela noite, porém, ninguém precisava apresentar uma mulher forte.

Havia apenas um corpo pequeno, uma vida começando e um homem que a esperava.

Ele não procurava no rosto da criança uma semelhança que autorizasse o carinho.

Não lhe havia dado o sangue.

Daria, depois, tantas outras coisas que as pessoas levariam anos para compreender que também eram formas de paternidade.

Ela cresceria sem poder recordar aquele primeiro encontro. Conheceria a decisão dele por seus efeitos: a mão em que a sua cabia, o lugar guardado, as voltas para casa.

Algumas certezas se formam assim, muito antes de existir uma frase capaz de explicá-las.

Ao olhar para o próprio nascimento, já adulta, começou a aliviar a menina da tarefa de transformar cada ano numa demonstração de força.

Podia comemorar o fato de estar viva sem apresentar um relatório de superações.

Podia ter atravessado tanta coisa e ainda precisar de colo.

De ajuda.

De uma tarde em que ninguém esperasse absolutamente nada dela.

Novembro voltava.

Com ele, a lembrança de quem fizera espaço antes mesmo que ela pudesse pedir.

As velas contavam seus anos.

Não tinham como contar tudo o que a trouxera até ali.

Ela agradecia.

Depois se ocupava do bolo.

Havia assuntos que, mesmo numa data cheia de significado, mereciam atenção imediata.

• • •

DOSE DE CORAGEM

Começos

— Você ainda acha que precisa ser forte o tempo todo? — perguntou a menina.

A mulher demorou um pouco para responder.

— Às vezes.

— Por quê?

Ela poderia explicar traumas, ausências, medo, sobrevivência. Poderia organizar uma resposta adulta, dessas cheias de palavras que parecem saber exatamente o que estão fazendo.

A menina provavelmente ficaria entediada na terceira frase.

— Acho que passei muito tempo acreditando que, já que sobrevivi a tanta coisa, precisava continuar sobrevivendo a tudo.

A menina franziu a testa.

— Mas você já sobreviveu.

— Eu sei.

— Então por que ainda está tentando provar?

A mulher ficou em silêncio.

Crianças tinham essa péssima mania de fazer perguntas simples demais para respostas complicadas.

— Não sei.

— Parece cansativo ser adulta.

Ela riu.

— Às vezes é.

A menina abriu espaço ao lado dela.

— Quando cansar, senta.

— Só isso?

— Só.

— E se eu não souber o que fazer depois?

A menina deu de ombros.

— A gente vê depois.

Por alguns segundos, a mulher apenas a observou.

Talvez coragem também fosse aquilo.

Não saber o fim.

Não ter todas as respostas.

E, ainda assim, permitir-se descansar no meio do caminho.

— Você ficou mais esperta do que eu lembrava — disse a mulher.

— E você complicou bastante as coisas depois que cresceu.

A mulher riu outra vez.

Não havia muito como discutir.

Então sentou ao lado dela.

• • •

O homem que a escolheu

O pai era garimpeiro.

Tinha poeira nas unhas, aspereza nas mãos e, muitas vezes, uma estrada inteira entre ele e a filha.

Quando a menina encaixava a mão na dele, a sua praticamente desaparecia.

Naquela idade, acreditava que proteção devia ser aquilo: caber inteira na mão de alguém.

Ele falava pouco.

Ela compensava pelos dois.

Falava sobre o que tinha acontecido, sobre o que quase tinha acontecido, sobre o que talvez acontecesse e, se ninguém a interrompesse, provavelmente chegaria ao que poderia acontecer daqui a alguns anos.

O pai escutava.

Às vezes respondia com poucas palavras.

Para ela, bastava.

Era ouvida.

O carinho dele raramente chegava embrulhado em grandes declarações. Aparecia no pneu calibrado, numa fruta cortada, numa coisa quebrada que

voltava a funcionar, numa preocupação que ele disfarçava de pergunta prática.

Ela ainda não sabia que amor também podia ter cheiro de ferramenta, estrada e trabalho.

Sabia apenas a quem procurar quando alguma coisa quebrava.

E em quais braços o corpo podia parar de se defender por alguns minutos.

O garimpo o levava para longe.

A menina não compreendia exatamente onde ele estava ou quanto faltava para voltar. Distância, para uma criança, é uma medida pouco confiável.

"Longe" podia significar outra cidade.

Ou simplesmente: não está aqui agora.

Havia dias em que a saudade cabia nas brincadeiras.

Em outros, interrompia tudo.

Numa dessas manhãs, ela acordou sabendo que o pai voltaria.

Não achando.

Sabendo.

Não havia telefonema.

Não havia recado.

Não havia notícia.

Só aquela certeza infantil instalada dentro dela com a tranquilidade inconveniente de quem não pretendia apresentar provas.

A avó tentou explicar que talvez ele não chegasse naquele dia.

A menina ouviu.

Entendeu perfeitamente.

E continuou sabendo que ele viria.

Ser contrariada pelos fatos nunca esteve entre seus talentos favoritos.

Foi para a porta.

Esperou.

Cada barulho na estrada levantava seu rosto.

Um caminhão aparecia ao longe e seu coração se adiantava.

Não era ele.

Uma moto surgia.

Também não.

A poeira subia, escondia um pedaço da estrada e demorava alguns segundos para baixar.

Ela esperava.

Depois procurava de novo.

As horas passaram.

A menina continuou ali.

Talvez tenha brincado um pouco. Talvez tenha entrado e voltado. As lembranças da infância raramente obedecem à precisão de um relógio.

Mas uma coisa permaneceu:

ela esperou.

Até o corpo desistir antes da esperança.

O sono chegou devagar, pesou nos olhos e venceu aquela disputa.

Quando acordou, já estava nos braços dele.

Primeiro veio a sensação.

O peso conhecido das mãos.

A camisa áspera contra o rosto.

O cheiro de estrada.

Ela ainda nem tinha aberto completamente os olhos e já sabia.

O pai tinha voltado.

Não precisou conferir seu rosto.

O corpo reconheceu antes.

Anos depois, algumas pessoas ainda perguntariam quem era seu pai “de verdade”.

A expressão sempre lhe pareceu curiosa.

Porque, para responder, teria de explicar aquela tarde.

A porta.

A estrada.

A menina que esperou até dormir.

A camisa que reconheceu antes de enxergar.

Teria de explicar todas as vezes em que aquela mão grande segurou a sua, todos os consertos, todas as voltas, todas as pequenas coisas que não cabiam numa certidão.

As pessoas queriam um nome.

Ela tinha lembranças.

E talvez fosse justamente isso que demorassem tanto para compreender.

Paternidade, para ela, nunca começara no sangue.

Começara numa escolha.

Mais tarde, a vida ainda precisaria lhe ensinar uma diferença importante.

O pai ia embora porque precisava trabalhar.

E voltava.

Nem toda ausência significava abandono.

Mas nem toda espera terminaria com alguém aparecendo na estrada.

Durante algum tempo, ela confundiria as duas coisas.

Esperaria outras pessoas com a mesma fidelidade daquela menina na porta, acreditando que amar talvez fosse permanecer ali até que alguém voltasse.

Só depois entenderia que aquela memória pertencia ao pai.

Não podia usá-la como promessa em nome de todos os outros.

Algumas pessoas voltam.

Outras apenas nos ensinam a parar de esperar.

Mas aquela tarde continuava intacta.

Na lembrança, a poeira baixava.

A menina despertava nos braços dele.

E aquela mão enorme ainda sabia exatamente o tamanho da sua.

A casa antes do mundo

Antes de aprender que o mundo podia ferir, ela aprendeu que uma casa podia ter cheiro.

Café coado em pano.

Pão crescendo debaixo de um tecido.

Madeira aquecida pelo sol.

Depois da chuva, a terra vermelha avisava que o quintal continuava ali, embora, naquela idade, ela acreditasse que o mundo provavelmente terminava no portão.

E talvez não precisasse de muito mais.

Lembrava da cama de madeira.

Do ventilador que fazia consideravelmente mais barulho do que vento.

Da irmã do outro lado.

Era perto demais para aquilo se chamar saudade.

À noite, quando as luzes se apagavam, ainda havia alguém respirando ali.

Ela não agradecia.

Crianças raramente agradecem pelo que acreditam que será eterno.

A irmã estaria ali amanhã.

A avó estaria na cozinha.

O café passaria pelo coador.

O pão cresceria.

A casa acordaria outra vez.

Na infância, permanência parece uma característica natural das coisas.

Ninguém avisa que algumas cenas têm prazo.

A avó não tinha facilidade para dizer "eu te amo".

Tinha, em compensação, uma precisão impressionante para saber quanto feijão cabia no prato de cada criança.

Na época, a menina não via nenhuma relação entre uma coisa e outra.

Levou anos para compreender que, naquela casa, muitas declarações de amor aconteciam na cozinha.

Um prato mais cheio.

Uma roupa dobrada.

Uma pergunta feita da porta.

Uma mão verificando se estava quente.

Nada disso parecia extraordinário enquanto acontecia.

Era só a vida.

Talvez por isso certas lembranças demorem tanto para revelar o próprio valor.

Mais tarde, ela aprenderia que casas acabam.

Que pessoas vão embora.

Que quartos mudam de dono.

Que a infância, em algum momento, começa a fazer malas sem sequer perceber que está se despedindo.

Durante muito tempo, pensou que sentir falta daquela casa significava querer voltar.

Não significava.

Havia coisas para as quais já não existia retorno.

E talvez nem devesse existir.

O que ela queria, às vezes, era outra coisa.

Queria a sensação.

Aquela segurança simples de deitar e saber que havia alguém respirando perto.

Queria, por alguns minutos, voltar ao tempo em que não precisava pensar em quem ficaria.

Ninguém tinha ido embora ainda.

O mundo continuava pequeno.

Cabia numa cama de madeira, num ventilador barulhento, numa irmã ao lado e numa mulher que dizia pouco, mas nunca esquecia de perguntar se as crianças tinham comido.

Quando pensava no primeiro lugar em que se sentira segura, não lembrava de fechaduras.

Lembrava de sons.

De cheiros.

De gente.

Talvez casa nunca tivesse sido exatamente uma construção.

Talvez fosse aquele breve período da vida em que ela ainda acreditava que todo mundo estaria ali pela manhã.